

SETEMBRO AMARELO: CADA ACENTO, UMA MENSAGEM DE APOIO

Leidiana dos Santos Fernandes (UERN)

leidiana20251002909@alu.uern.br

Josenilson Rodrigues de Lima (UERN)

josenilson20251002874@alu.uern.br

Guianeza Mescherichia de Góis Saraiva Meira (UERN)

guianezzasaraiva@uern.br

RESUMO

O ensino da gramática, por muitos anos, foi visto por diversos alunos como sinônimo de aulas difíceis e sem sentido, devido à forma como era abordado em muitos contextos escolares. Frequentemente, encontrávamos um ensino descontextualizado das práticas sociais nas quais os discentes estavam inseridos, o que gerava questionamentos sobre a relevância do estudo da gramática e sua aplicação na vida cotidiana. Hoje, com as contribuições de vários estudiosos, percebe-se que a escola faz parte da identidade do aluno, e não faz sentido separar o que acontece fora dela. Diante disso, este trabalho apresenta uma proposta voltada ao ensino de Língua Portuguesa e à questão da saúde mental, unindo a disciplina à campanha Setembro Amarelo, decorrente de uma atividade pedagógica orientada na disciplina de Fonologia, Variação e Ensino dentro do mestrado Proletras UERN/Assu. Para respaldar essa pesquisa, recorreu-se aos estudos Cunha e Cintra (2019), Silva (2017), Castilho (2010) e Soares (2010), que abordam o ensino da gramática, bem como as concepções de Barros (2016), que destaca a saúde mental de crianças e adolescentes. No que diz respeito à metodologia, as oficinas foram elaboradas para serem aplicadas em sequência, divididas em quatro encontros, totalizando dez aulas. As atividades desenvolvidas terão como temática o Setembro Amarelo e as regras de acentuação das palavras oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas. Assim, espera-se que essas oficinas sejam proveitosas para os alunos e que contribuam significativamente para a prática dos professores de Língua Portuguesa.

Palavras-chave:

Acentuação. Gramática. Setembro amarelo.

ABSTRACT

For many years, grammar instruction has been perceived by numerous students as synonymous with difficult and meaningless lessons, largely due to the way it has been approached in many school contexts. Frequently, grammar was taught in a decontextualized manner, disconnected from the social practices in which students were immersed, which led to questions regarding the relevance of studying grammar and its applicability to everyday life. Today, with contributions from various scholars, it is understood that school constitutes an essential part of students' identities, making it unreasonable to separate classroom learning from real-world experiences. In this context, this study presents a proposal focused on Portuguese language teaching and mental health, integrating the discipline with the *Yellow September* campaign. The proposal emerged from a pedagogical activity developed within the course Phonology, Variation, and Teaching, part of the Proletras Master's Program at UERN/Assu. The research is

supported by the works of Cunha e Cintra (2019), Silva (2017), Castilho (2010), and Soares (2010), who discuss grammar instruction, as well as Barros (2016), who highlights mental health issues among children and adolescents. Methodologically, the workshops were designed to be implemented sequentially, divided into four sessions totaling ten classes. The activities developed address the *Yellow September* theme and the rules of accentuation for oxytone, paroxytone, and proparoxytone words. It is expected that these workshops will be beneficial for students and contribute significantly to the instructional practices of Portuguese language teachers.

Keywords:

Accentuation. Grammar. Yellow September.

1. Introdução

O ensino da gramática, durante muitos anos, foi percebido como uma prática difícil e desinteressante, sobretudo em razão da forma descontextualizada com que era abordado nas escolas. Tradicionalmente, os conteúdos gramaticais eram apresentados isolados de situações comunicativas reais, o que levava os estudantes a questionarem a utilidade desse aprendizado: “Para que serve isso?” ou “Quando vou usar essa classificação de palavras na minha vida?”.

Nesse cenário, a gramática era tratada como um conteúdo apartado da língua, quase desvinculado dos textos e dos contextos sociais vivenciados pelos alunos. Tal prática se relaciona à concepção de educação bancária descrita por Paulo Freire, na qual o estudante é visto como um “recipiente vazio” a ser preenchido, desconsiderando suas experiências e saberes prévios. No entanto, essa visão tem sido superada. Reconhece-se hoje que o aluno possui repertório, e que suas vivências constituem ponto de partida essencial para o desenvolvimento de habilidades linguísticas.

É relevante refletir, portanto, sobre a ideia de que “Português é difícil”. Se o estudante se comunica diariamente na língua, por que acredita não saber utilizá-la? Esse estranhamento pode estar ligado à forma fragmentada e abstrata com que o ensino de gramática historicamente se deu, distanciando os conteúdos da realidade comunicativa dos alunos.

Com o surgimento de novas tendências educacionais, compreende-se que a gramática não deve ser analisada isoladamente, mas articulada aos textos, aos usos sociais da língua e às situações reais de comunicação. Quando ensinada fora desse contexto, torna-se mais suscetível a equívocos de interpretação e de aprendizagem.

Nesse sentido, torna-se pertinente incluir no planejamento pedagógico temáticas que dialoguem com questões sociais contemporâneas. Um exemplo disso é a campanha Setembro Amarelo, dedicada à valorização da vida.

Diante dessa pauta, os professores de Língua Portuguesa se perguntam: como integrar essa temática de forma significativa à disciplina? Esse questionamento mobiliza propostas interdisciplinares que articulam reflexão social, práticas de linguagem e ensino gramatical contextualizado, permitindo ao estudante perceber que a língua faz parte de sua realidade e contribui para sua atuação no mundo.

Assim, diante da relevância da comunicação eficaz nas relações sociais, o presente trabalho tem como objetivo abordar a gramática, relacionando-a à temática do Setembro Amarelo. Será apresentado o potencial do uso da gramática no cotidiano dos alunos, ressaltando sua importância nas demandas das práticas sociais. Para isso, recorreremos aos fundamentos teóricos de Cunha e Cintra (2019), Silva (2017), Castilho (2010), Soares (2010) e Barros (2016). Metodologicamente, com uma abordagem qualitativa interpretativa, analisamos os resultados obtidos a partir de uma oficina orientada na disciplina Fonologia, Variação e Ensino, no Programa de Mestrado Profissional em Letras, UERN-Assú. Em linhas gerais, é possível afirmar que, por contemplarmos de forma lúdica os conteúdos gramaticais, os resultados foram satisfatórios e que a atividade propiciou uma maior interação entre os discentes.

2. Referencial teórico

2.1. Gramática, linguagem e saúde emocional: fundamentos teóricos

O ensino de Língua Portuguesa, historicamente, foi concebido como um campo árido e abstrato, distante das experiências reais dos estudantes. A prevalência de práticas pedagógicas tradicionais, centradas na memorização mecânica e no ensino descontextualizado de regras gramaticais, contribuiu para que os alunos não percebessem relevância ou aplicabilidade nos conteúdos trabalhados em sala de aula. Nesse modelo, a língua era fragmentada, sobretudo a gramática, tratada à margem do texto e do uso social, o que limitava sua compreensão como prática discursiva e instrumento de interação.

Diante desse panorama, tornam-se pertinentes os questionamentos: “Qual é o sentido de ensinar Língua Portuguesa?”; “Por que ensinar gramática?”; “De que modo esse conhecimento pode ser mobilizado pelos estudantes em suas interações sociais?”. Compreender esses questionamentos implica reconhecer que o uso da linguagem está ancorado em princípios sociais e linguísticos compartilhados pelos falantes. Como afirma Silva (2017):

Fazer uso da linguagem certamente leva-nos a compartilhar de princípios sociais e linguísticos. Estes princípios são determinados sem nenhum encontro

específico dos falantes para tal finalidade ou de uma lei ou decreto criados especificamente para este fim. Entretanto, tais princípios são compartilhados pela comunidade em questão e são partes do universo dinâmico e passíveis de mudanças a cada instante. (Silva, 2017, p. 14)

O ensino da língua, portanto, não deve restringir-se à distinção entre o “certo” e o “errado”, mas possibilitar a compreensão da linguagem como recurso para participar criticamente da sociedade, expressar ideias, argumentar, dialogar e construir sentidos. Essa perspectiva se fortalece quando se reconhece que o português, falado em uma vasta e fragmentada região, apresenta-se, como qualquer língua viva, apresentando diferentes variedades que se distinguem quanto à pronúncia, à gramática e ao vocabulário, conforme Cunha; Cintra (2019). Tal compreensão evidencia que a língua é dinâmica, heterogênea e marcada por usos sociais diversos, o que exige práticas pedagógicas que respeitem essa pluralidade.

Nesse sentido, destaca-se o papel central da língua portuguesa enquanto componente curricular responsável por ampliar práticas de letramento. Conforme orienta a Base Nacional Comum Curricular (BNCC),

Ao componente Língua Portuguesa cabe, então, proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras gens. (Brasil, 2017, p. 67–68)

Assim, ensina-se língua não apenas para memorizar estruturas, mas para preparar sujeitos capazes de atuar discursivamente em diferentes contextos comunicativos. Nesse sentido, a reflexão de Castilho (2010) reforça essa perspectiva ao destacar que a língua se manifesta essencialmente nas interações sociais, por meio da conversação, que constitui a forma primordial de articulação do discurso.

Ao compreender a língua como prática interativa e social, torna-se mais evidente por que determinados conteúdos, como ortografia e acentuação, não podem ser vistos apenas como regras rígidas ou exercícios mecânicos. A partir dessa compreensão do funcionamento da linguagem, emergem questionamentos recorrentes entre os estudantes: por que estudar ortografia ou acentuação? Por que a língua escrita necessita de padronização? Cabe ao professor explicitar o caráter social e funcional das convenções ortográficas.

A normatização da escrita, como as regras de acentuação, possibilita a construção de sentidos compartilhados, favorece a compreensão mútua e garante a circulação de textos em diferentes esferas sociais. Dessa forma, a aprendizagem da acentuação ultrapassa o caráter normativo: ela se converte em instrumento de comunicação que assegura clareza, precisão e coerência.

É nesse ponto que a abordagem temática ganha relevância. Para que o ensino da língua se faça significativo, é necessário articulá-lo às vivências dos estudantes e às questões que atravessam sua realidade. Entre tais temas, destaca-se o setembro Amarelo, campanha nacional que discute prevenção ao suicídio e saúde emocional. Ao integrar essa temática às práticas de linguagem, o professor favorece não apenas a construção de conhecimentos linguísticos, mas também o desenvolvimento socioemocional dos alunos. Discutir sentidos, produzir textos reflexivos, analisar discursos e ampliar repertórios sobre emoções e autocuidado torna-se igualmente uma prática de linguagem e de cidadania.

Assim, ensinar acentuação, leitura e escrita em diálogo com temas como o Setembro Amarelo possibilita ressignificar a gramática como ferramenta para expressão, acolhimento e reflexão, superando visões mecanicistas. Afinal, compreender o desenvolvimento emocional é aprender a construir noções de si, do outro e das demandas do mundo, o que potencializa a participação ética e crítica na sociedade, consoante (Barros, 2016).

3. Metodologia

As oficinas propostas neste estudo foram organizadas em uma sequência didática cujo eixo temático integra a campanha “Setembro Amarelo” e o estudo das regras de acentuação das palavras oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas. Os participantes são estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública. Com base nessa perspectiva, as ações pedagógicas foram estruturadas em uma oficina dividida em quatro módulos, desenvolvidos a partir da temática central.

A oficina, intitulada “Setembro Amarelo: Cada acento, uma mensagem de apoio”, foi planejada para ser executada ao longo de dez aulas da disciplina de Língua Portuguesa. As atividades articulam dois eixos centrais, a campanha do Setembro Amarelo e o ensino das regras de acentuação, de forma inter-relacionada, com estratégias lúdicas e dinâmicas, buscando favorecer a aprendizagem e a reflexão de maneira leve e significativa.

4. Desenvolvimento das Oficinas

Oficina: “Setembro Amarelo: Cada Acento, uma mensagem de apoio”

Foco: Regras de acentuação das oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas articuladas à temática do Setembro Amarelo.

Objetivo: Relacionar o ensino de acentuação à reflexão sobre saúde emocional e valorização da vida.

Módulo 1 – “Vamos conversar?”

- Introdução à temática Setembro Amarelo (20 min)
- Roda de conversa “Acentuando a vida, pontuando o diálogo” (30 min)
- Caça-palavras acentuado (30 min)

Módulo 2 – “Acentuando as palavras e a vida”

- Discussão das regras de acentuação (30 min)
- Produção de mensagens de empatia utilizando palavras do caça-palavras (30 min)
- Correção textual das produções (30 min)

Módulo 3

- Construção do mural acentuado (25 min)
- Exibição do filme *Ponte para Terabítia* (1h36)
- Debate sobre o filme (25 min)
- Conversa de fechamento (25 min)

Módulo 4

- Revisão dos conteúdos abordados (50 min)

5. Discussão e resultados

Durante as oficinas, observou-se elevado engajamento dos estudantes, que demonstraram curiosidade em relação à campanha Setembro Amarelo. Muitos relataram desconhecimento sobre sua origem, enquanto outros afirmaram que a escola já abordava o tema, mas sem clareza quanto ao seu propósito. A abertura das atividades com um momento de escuta e acolhimento mostrou-se adequada para que os alunos compartilhassem percepções e experiências.

Na roda de conversa “Acentuando a vida, pontuando o diálogo”, discutiram-se informações sobre a campanha, sua origem e relevância no contexto escolar, bem como a importância de se falar sobre saúde mental. Na etapa seguinte, os alunos realizaram um caça-palavras associando termos da campanha às regras de acentuação, atividade desenvolvida sem intervenção

direta da professora, valorizando conhecimentos prévios já trabalhados nos anos anteriores. Os estudantes consideraram essa abordagem estimulante, evidenciando maior compreensão dos conteúdos.

Após a identificação e acentuação das palavras, foi entregue um material explicativo contendo as regras de acentuação das palavras oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas. Em seguida, essas regras foram retomadas coletivamente por meio de exposição dialogada no quadro. Tal etapa favoreceu esclarecimento de dúvidas significativas, como: “A acentuação é feita de trás para frente?”, “Todas as palavras têm sílaba tônica?”, “Por que algumas palavras têm sílaba tônica, mas não são acentuadas?” e “O que é ditongo?”. A discussão dessas questões mostrou aprofundamento da aprendizagem e interesse dos alunos.

Posteriormente, os estudantes produziram dez mensagens de apoio ou motivação relacionadas à campanha, utilizando palavras previamente trabalhadas. Após a escrita, foram oferecidos feedbacks individualizados.

Em outro momento, os participantes assistiram ao filme “Ponte para Terabítia”, que aborda temas como *bullying*, solidão, empatia e superação. Após a exibição, realizou-se uma roda de diálogo na qual os alunos puderam expressar opiniões, relacionar o enredo às reflexões propostas e discutir a relevância da temática para a saúde mental.

Para encerrar as oficinas, os estudantes construíram coletivamente um “Mural da Empatia”, utilizando as mensagens produzidas. Cada aluno apresentou oralmente uma das mensagens escolhidas, promovendo acolhimento e valorização das vozes do grupo.

6. Conclusão

Este estudo teve como objetivo, relacionar a gramática, em especial, as regras de acentuação das oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas à campanha setembro amarelo. Ao término das oficinas, observou-se mudança significativa na percepção dos alunos em relação ao ensino de gramática, especialmente da acentuação gráfica. Os estudantes reconheceram que esse conteúdo pode ser trabalhado de forma menos rígida, mais dinâmica e diretamente relacionada às suas vivências, sem perder relevância. Além disso, a abordagem da campanha Setembro Amarelo mostrou-se enriquecedora, despertando interesse, senso crítico e empatia.

Os resultados evidenciaram que a proposta favoreceu maior interesse e participação dos alunos, que passaram a reconhecer a relevância do conteúdo quando inserido em práticas sociais reais. Além disso, a temática do Setem-

bro Amarelo mostrou-se enriquecedora, despertando senso crítico, empatia e promovendo reflexões importantes sobre cuidado, acolhimento e saúde emocional. Essa integração entre aspectos linguísticos e socioemocionais contribuiu para uma aprendizagem mais ampla, coerente com as demandas contemporâneas da educação.

A experiência reforçou, a importância de um planejamento didático bem articulado e contextualizado com as práticas sociais dos alunos é evidente. Um trabalho que valorize as percepções, conhecimentos e habilidades já desenvolvidas por eles é fundamental para que se sintam no centro do processo educativo, tornando-se, de fato, protagonistas de sua aprendizagem. Nesse contexto, o papel do professor como mediador é crucial, pois ele deve promover a troca de conhecimentos e vivências, enriquecendo a experiência educativa e favorecendo o desenvolvimento integral do aluno.

Como contribuição, esta pesquisa evidencia que o ensino de gramática pode ganhar significado quando associado a temáticas socialmente relevantes, demonstrando que conteúdos tradicionalmente vistos como áridos podem ser ressignificados por abordagens interdisciplinares e humanizadas. No entanto, reconhece-se como limitação o tempo reduzido para acompanhamento de efeitos a longo prazo, bem como o número limitado de oficinas, o que aponta para a necessidade de estudos futuros que ampliem a duração e o escopo da proposta.

Por fim, reafirma-se que uma prática pedagógica contextualizada, na qual os conteúdos linguísticos dialoguem com dimensões sociais, emocionais e culturais vivenciadas pelos estudantes, potencializa não apenas a compreensão, mas também a permanência do conhecimento. Quando os alunos atribuem sentido ao que aprendem, tornam-se protagonistas efetivos do processo educativo. Assim, conclui-se que a gramática, ensinada de forma significativa, pode contribuir para uma formação mais crítica, sensível e humanizada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

BARROS, Vera Ferrari Rego. *A saúde mental na atenção à criança e ao adolescente*. 1. ed. São Paulo: Atheneu, 2016. *E-book*. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 17 out 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2017.

CASTILHO, A. T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2010. *E-book*. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 17 out 2025.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2019. *E-book*. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 17 out 2025.

SILVA, Thaís Cristófar. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 11. ed. São Paulo-SP: Contexto, 2017. *E-book*. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 17 out 2025.